**DIALOGISMO EM PRODUÇÕES DE CARTAS DO LEITOR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

*Joseilda Alves de Oliveira*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus de Pau dos Ferros*

*E-mail: joshitalo@gmail.com*

**RESUMO**

O presente artigo objetiva analisar o dialogismo na construção discursiva sobre o ensino superior público em uma produção textual, materializada no gênero, carta do leitor, de um aluno do ensino médio público, observando como se dá a constituição das relações dialógicas presentes no enunciado. Para isso, analisamos a carta do leitor produzida por um aluno do 1º ano da Escola Estadual Dr. Trajano Pires da Nóbrega – PB. Essa produção textual foi selecionada a partir de um arquivo composto por 22 textos produzidos durante o projeto de dissertação de mestrado em 2018. O trabalho assume como orientação teórico-metodológica central a teoria/análise dialógica do discurso (ADD) depreendida das reflexões do Círculo de Bakhtin e de comentadores desse Círculo. A análise empreendida é de natureza interpretativa com abordagem qualitativa. Tomando como *corpus*, a carta do leitor escrita pelo aluno participante do projeto. Pretendemos mostrar, através dessa análise, que são vários os modos como o dialogismo se manifesta na constituição do texto.

Palavras-chave: Dialogismo. Produção textual. Ensino Médio.

**INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, pretendemos analisar o dialogismo na construção discursiva sobre o ensino superior público em cartas do leitor de alunos do ensino médio, detendo-nos na análise de como os discursos de outrem participa da constituição dos posicionamentos valorativos que o projeto de dizer do aluno expressa. Interessa-nos saber como o dialogismo se manifesta na produção do aluno, como as vozes de outrem são trazidas para sua construção discursiva e como são valoradas.

Partimos do pressuposto de que a análise da construção discursiva do aluno de ensino médio, focada no dialogismo, pode nos ajudar a compreender melhor o trabalho com língua materna na educação básica, mais especificamente com a produção escrita, alargando a compreensão de que “ o texto escrito, enquanto ação com sentido, constitui uma forma de relação dialógica que transcende as meras relações linguísticas” (GARCEZ, 2010, p. 63).

É por esse víeis de entendimento sobre a linguagem que o presente trabalho busca respaldo teórico-metodológico nas ideias do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011; VOLOCHINOV, 2017) e de comentadores e estudiosos do Círculo, dentre eles (FARACO, 2009; GERALDI, 2015; BESSA, 2016, 2017), para investigar o dialogismo contribuir para uma reflexão sobre o trabalho com a produção textual escrita na educação básica.

A análise empreendida é de natureza interpretativa com abordagem qualitativa. Tomando como *corpus* uma produção textual de aluno do ensino médio, materializada no gênero carta do leitor, retirada de um arquivo de 22 textos produzidos no projeto de trabalho, o qual fez parte do projeto de dissertação de mestrado.

**2. DISCUSSÃO TEÓRICA**

2.1 BAKHTIN E A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

A noção de linguagem como fenômeno dialógico parte do princípio de que tudo o que falamos sempre estará impregnado por vestígios da voz de outrem (BAKHTIN, 2011). Essa é uma concepção de linguagem defendida pelo Círculo de Bakhtin, que aponta nas discussões sobre o caráter dialógico da linguagem que tudo que falamos, escrevemos ou lemos, sempre traz marcas de discursos precedentes, visto que “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes”, (BAKHTIN, 2011, p.300).

Para Bakhtin, a relação dialógica é um princípio constitutivo da linguagem, presente em toda e qualquer enunciação, pois “todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além de minhas próprias, são palavras do outro.”(BAKHTIN, 2011, p. 379). Isso nos permite entender que, sempre que enunciamos, os enunciados que produzimos estão de algum modo respondendo e/ou dialogando com enunciados anteriores, nossos e/ou alheios; e nossas respostas a esses enunciados provocam respostas futuras de outros falantes, ou seja, criamos enunciados únicos a partir de outros enunciados já pronunciados por alguém em algum espaço/tempo e com algum querer-dizer e esperando o querer-dizer de outro alguém. Nessa esteira de pensamento, tomando as palavras de Bakhtin (2011), em relação à linguagem, Bessa (2016) aponta que “ a palavra do locutor existe para ser ouvida e respondida por um outro”(p. 131), formando assim uma cadeia discursiva. Isso constitui o que Bakhtin chama de *dialogismo*.

Para Bessa (2016), compreender o dialogismo da maneira como se encontra no pensamento do Círculo, em um lugar primordial como categoria primeira da linguagem, significa entender que as relações dialógicas são, acima de tudo, relações de sentidos entre enunciados, enquanto encontro de diferentes vozes no processo ativo da comunicação discursiva. E esse encontro, de acordo com Bakhtin (2011), pode se dá mesmo em enunciados que se encontrem distantes no tempo,

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão relembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (p. 410, grifos do autor).

.  
 Compreende-se, portanto, que vozes pronunciadas há séculos podem voltar ao tempo contemporâneo, ao discurso, ressignificadas, contextualizadas ao enunciado dos falantes, ainda que, por vezes, estes não tenham consciência de que seus discursos façam parte de um diálogo maior, ao longo do tempo. Quando visitamos esses discursos, mesmo inconscientes, organizamos nosso discurso estabelecendo uma relação de diálogo com aqueles enunciados do passado. Como pontua o filósofo Bakhtin (2011), “ dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos” (p.331). Portanto, entendemos que não há limites para os enunciados ou para as possibilidades de relações dialógicas, nem tampouco um tempo definido para essas relações. Os fios se entrelaçam, reestruturam-se , (re)criam-se num tempo atual, que mais tarde será passado.

Nessa perspectiva, podemos entender que as relações dialógicas não acontecem pela repetição da palavra, pois seria impossível já que a palavra não se repete, mas de forma singular, ressignifica entre autor e leitor, entre sujeitos que produzem significados “[...] e tem existência real no momento singular da interação verbal.”(GERALDI, 2015, p. 35); portanto, sendo em única, irrepetível e irrecuperável no processo de constitutivo da linguagem. Nem são relações que acontecem tão somente através de elementos linguísticos, pois o enunciado vai além do significado que o material linguístico é capaz de expressar. “*A situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado*.”(VOLOCHINOV, 2017, p. 206, grifos do autor).

Para Faraco (2009), os enunciados são resultados concretos de sujeitos socialmente inscritos, e que “para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso(p. 66), ou seja , tenha sido transformado num enunciado. Só dessa forma é possível responder ao discurso do outro e, assim, tem-se a continuidade do fio dialógico da linguagem.

2.2 O DISCURSO CITADO

Para Volochinov (2017), as questões dialógicas emergem da recepção ativa do discurso de outrem. Logo, compreendemos que, ao estudarmos o discurso citado, estaremos lidando com relações dialógicas e ideológicas entre sujeitos e não apenas com formas sintáticas e linguísticas de reprodução de informações de um outro autor. Assim, embora esteja e construindo essas relações, o autor entende que o discurso citado resguarda a forma estrutural e semântica sem alterar a organização linguística do contexto que o integrou.

Nessa perspectiva, compreendemos que o discurso citado corresponde às formas linguísticas de representação do discurso alheio, ou seja, a representação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso, entendido, de acordo com Bakhtin (2011), como a enunciação de outra pessoa.

Assim, entendemos que o discurso citado é aquele que possui autoria própria, pertence a outro enunciador que não o falante. Logo, é preciso enfatizar, que “trata-se da incorporação pelo enunciador da(s) voz(s) de outo(s) no enunciado”(FIORIN, 2016, p. 37), que, mesmo tendo autonomia, pode ser inserido no contexto de produção e, no processo dessa inserção, conservar elementos de suas marcas estruturais próprias (FIORIN, 2016). São essas marcas que nos permitem perceber o discurso de outrem no discurso autoral. São essas marcas que buscamos na produção textual escolar em análise.

Conforme Fiorin (2016, p.37), existem duas formas de inserir o discurso do outro no discurso, quais sejam:

a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do

discurso citante, e o que Bakhtin chama discurso objetivado;

b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há

separação muito nítida do enunciado citante e do citado. (FIORIN, 2016, p. 37)

Na definição do autor, compreende-se que, no primeiro caso, o discurso citado é claramente notado no discurso citante. E apresenta-se em forma de discurso direto, discurso indireto, aspas e negação. No segundo caso, o discurso do outro não apresenta uma separação nítida em relação ao discurso citante. E surge como a paródia, a estilização, a polêmica clara ou velada e o discurso indireto livre (FIORIN, 2016).

Para Faraco (2009), o fenômeno linguístico mais discutido nos textos de Bakhtin e Voloshinov é o discurso reportado/citado, ou seja, “a presença explícita da palavra de outrem nos enunciados”(FARACO, 2009, p.138). Isso enfatiza a própria concepção de linguagem do Círculo e destaca o interesse pela interação dos sujeitos, considerando a forma de construção dessa interação, entre palavras/discurso.

Nascimento, Bessa e Bernardino (2012) sobre a participação do outro, de forma citada no texto, entendem que essa ação tem o(s) porquê(s), como apontam a seguir:

o discurso reportado/citado além de ocupar o espaço enunciativo no discurso do locutor, é inserido de forma *valorada*. *Portanto, é muito mais do que uma simples inserção de palavras de outrem no discurso*”(p. 06, grifos nossos).

Assim, considerando o dizer dos autores, as diversas formas de discurso citado se materializam no tecido textual, ganhando espaço e função no discurso. Compreendida dessa forma, podemos apreender as correntes dialógicas no espaço de construção de sentido no texto. Essa inserção do outro no texto não é por acaso. É intencional, valorada, dialógica e ideológica.

**3. RESULTADOS ALCANÇADOS**

Munidos das reflexões teóricas que nos embasam, iniciaremos a análise de uma produção textual ( carta do leitor), ilustrativa de nosso corpus de pesquisa, com o objetivo de investigar as possíveis relações dialógicas que a compõe.

Texto produzido por um aluno do 1º ano do ensino médio-2018

18 de julho de 2018

Caro editorialista do jornal “O Globo”

O editorial publicado no jornal O Globo, que levantava o debate sobre uma possível cobrança de taxa nas universidades púbicas, me deixou intrigada. Considerando a crise, com essa falta de recursos financeiros para tudo no país, como alunos de escolas públicas teriam condições de sair do ensino básico público e passarem a pagar pelo ensino superior?

Acredito que as universidades públicas, embora estejam sem muitos recursos, ainda tenham como se reerguer e melhorar. No entanto, não entendo como uma cobrança de mensalidade na universidade que era gratuita poderia ajudar a população. Na verdade, ela deixaria de ser pública, pois essa história de Barroso de uma universidade que seja “pública nos seus propósitos, mas autossuficiente no seu financiamento”, no fim das contas quer dizer particular.

Cobrar pelo ensino nas universidades que eram públicas e gratuitas vai torna-las menos acessíveis para muitos estudantes. Para Tatiana Roque, professora da UFRJ, essa cobrança tiraria muitos alunos da universidade, pois aqueles que não entram por cotas, mas que tem renda familiar abaixo de 8 mil reais não teriam como arcar com uma mensalidade.

Compreendo a falta de recursos nas universidades públicas, porém, ainda acredito que seja possível resolver esse problema sem tirar as oportunidades de jovens como eu, que não tem condições de pagar pelo ensino superior e sonham com uma formação de qualidade.

Universidades públicas são sinônimos de mais oportunidades e mais profissionais competentes para o futuro. É assim que se gera mais desenvolvimento no país e no mundo.

Agradecimento,

Pupila – 1º ano B

A partir da leitura do texto, observando como é iniciada a produção, com uma chamada direcionada ao interlocutor , *Caro editorialista do jornal “O Globo”,* entendemos que a produção textual corresponde à proposta de atividade sugerida, pela professora, em responder ao editorial publicado pelo jornal, *O Globo,* sobre a possibilidade de mudança no ensino superior público, o que já aponta um diálogo com a temática e com a proposta de produção.

A carta do leitor transcrita acima, ao atender às requisições da proposta, já configura uma relação dialógica entre enunciados, pois mostra como se estabelecem elos dialógicos entre o texto e vozes, inicialmente, exteriores à carta, quais sejam: a proposta de atividade e as orientações do professor. Claro que esse vínculo já era esperado, uma vez que o objetivo primordial da proposta é exatamente o de encaminhar o aluno à produção textual. Para Bakhtin (2011), “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (p. 296). Assim, ao produzir a carta do leitor em concordância com as propostas do professor, o aluno deu sequência à cadeia da comunicação discursiva, ao fio dialógico que se forma entre os enunciados, já que seu texto funciona como uma “atitude responsiva” em relação à proposta de produção textual.

Ainda podemos destacar o uso das aspas em “*O Globo*”, em que a expressão da autora enfraquece os limites criados pelo uso marcado pelas aspas e se dissemina em tom de indignação, como aponta Bakhtin(2011) “ os limites criados por essa alternância são aí enfraquecidos e específicos: a expressão do falante penetra através desses limites e se dissemina no discurso do outro”(p. 299).

No excerto a seguir, podemos perceber um diálogo que provoca a atitude responsiva do leitor.

*Considerando a crise, com essa falta de recursos financeiros para tudo no país, como alunos de escolas públicas teriam condições de sair do ensino básico público e passarem a pagar pelo ensino superior?*

O fato de a autora fazer esse questionamento provoca no interlocutor uma resposta, mesmo que este não precise se pronunciar; mesmo que seja apenas na consciência silenciosa, e não silenciada (FREIRE, 1998), ele é obrigado a ter uma atitude responsiva. O uso da interrogação não significa apenas uma pergunta na materialidade textual, ela constrói um questionamento que vai além dessa superficialidade. Ao mesmo tempo em que a autora dialoga com vozes sociais antecedentes, também provoca um diálogo reflexivo, instigando o leitor a pensar, ou seja, a dialogar com o texto, a dar uma resposta.

É possível também examinar que alguns elos dialógicos se constituem no interior do texto de forma mais marcada, sendo que a presença da segunda voz pode ser mais claramente percebida. Consideremos esse trecho da carta, no qual aparece um caso de discurso citado, marcado por uso de aspas.

*Na verdade, ela deixaria de ser pública, pois essa história de Barroso de uma universidade que seja “pública nos seus propósitos, mas autossuficiente no seu financiamento”, no fim das contas quer dizer particular*.

Nesse trecho da carta, a autora traz, para o contexto de produção textual, a fala do Ministro do Supremo Tribunal Federal, citada no editorial do jornal *O Globo.* Estamos diante de uma situação de discurso, em que a autora delimitou o discurso de outrem com fronteiras quando empregou as aspas, conservando suas características linguísticas próprias. As aspas servem, assim, para marcar o enunciado do outro no contexto de produção, servem para destacar o enunciado do ministro, diferenciando-o da voz da autora. Para Bakhtin (2011), “ a entonação que isola o discurso do outro (marcado por aspas no discurso escrito) é um fenômeno de tipo especial: é uma espécie de *alternância dos sujeitos* do discurso transferida para o interior do enunciado”(p. 298-299, grifos do autor).

Embora a palavra do outro seja mantida em sua integridade quando lemos, *“pública nos seus propósitos, mas autossuficiente no seu financiamento”,* para Bakhtin (2011, p. 299),”o discurso do outro, desse modo, tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso”. Ou seja, os ecos de alternância entre o discurso citado e o autoral são as relações dialógicas que se constituem nitidamente.

Percebe-se que, mesmo a alternância demarcada entre o discurso alheio, nesse caso de Barroso, e o discurso autoral, não deixa de existir a relação dialógica entre os enunciados. O uso do recurso tipográfico (aspas) para demarcar a alternância possibilita que se veja claramente as interações dialógicas que entrelaçam os discursos para construção do sentido.

No exemplo a seguir, temos outra construção interativa dialógica entre os discursos.

*Para Tatiana Roque, professora da UFRJ, essa cobrança tiraria muitos alunos da universidade, pois aqueles que não entram por cotas, mas que tem renda familiar abaixo de 8 mil reais não teriam como arcar com uma mensalidade.*

A autora introduz o discurso de outrem utilizando a preposição “para”, parafraseando o discurso citado, de maneira que devolve a responsabilidade do enunciado para quem o enunciou. Essa é uma forma de trazer a voz de outrem para o discurso, reconhecendo, marcadamente, a presença desse outro na tessitura do seu texto. Discorrendo sobre a maneira de introdução de vozes na produção do texto, Bessa (2017) ressalva que “tal estratégia é uma forma de assinalar que se reconhece que o dizer de um determinado autor ou estudioso habita o nosso dizer e que a ele se atribui determinadas palavras” (p.151).

Compreende-se, portanto, que tal como foi inserida a voz da professora da UFRJ no texto produzido é, de acordo com Bessa (2017), “mais que simplesmente marcar a presença do outro no tecido/fio do texto” (p. 151), é evidenciar uma forma clara de diálogo entre os discursos, além de nos remeter ao entendimento de que nossos textos são atravessados por muitos dizeres, muitas vozes.

Além disso, no excerto, a autora demonstra conhecer relativamente bem sobre a temática em discussão ao trazer para seu discurso outra voz que não fosse a do editorial ao qual respondia. Podemos sugerir que esse domínio possa estar mediado por leituras de outras vozes, outros produtores de textos, o que nos permite pensar no cruzamento de vozes para a constituição dos enunciados, no dialogismo bakhtiniano.

No exemplo a seguir, podemos perceber o diálogo com o contexto sociocultural da autora quando esta se coloca claramente no texto.

*Compreendo a falta de recursos nas universidades públicas, porém, ainda acredito que seja possível resolver esse problema sem tirar as oportunidades de jovens como eu, que não tem condições de pagar pelo ensino superior e sonham com uma formação de qualidade.*

Além das relações dialógicas com os enunciados externos, que já atravessam seu dizer com os fios que se tecem para a produção, a autora se coloca no texto trazendo seu contexto sociocultural e ideológico em um movimento que dialoga com sua situação econômica e com os sonhos de futuro.

O uso da expressão “*como eu*” para o dizer que vem em seguida, “*que não tem condições de pagar pelo ensino superior e sonham com uma formação de qualidade”,* indica a própria autora como fonte do dizer. Essa situação, em que o enunciador estabelece diálogo com seu próprio dizer, caracteriza uma relação dialógica chamada por Authier-Revuz (2011) de autodialogismo.

Embora a autora se admita como fonte de um dizer, não podemos esquecer que neste ecoa muitas outras vozes, sobretudo, quando se considera os estudos da linguagem na perspectiva defendida nesse trabalho, que ecoa dos estudos que compreende a linguagem como viva, infinita, dialógica, em que não há o primeiro nem o último a enunciar, ou seja, “em tudo eu ouço *vozes* e relações dialógicas entre elas” (BAKHTIN, 2011, p. 409-410, grifo do autor).

Consideremos o diálogo no excerto a seguir:

*Universidades públicas são sinônimos de mais oportunidades e mais profissionais competentes para o futuro. É assim que se gera mais desenvolvimento no país e no mundo.*

E, no último momento do texto, há uma afirmação de que as universidades públicas geram desenvolvimento para o país e para o mundo. O movimento dialógico com os discursos difundidos socialmente segue pelo texto e reforça posicionamentos ideológicos voltados a concepções baseadas no senso comum, construídos a partir da tessitura de muitas vozes que permeiam na sociedade, como apontado por Bakhtin (2011, p.297) “ cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados”, e, mais especificamente, no contexto sociocultural da autora.

Assim, considerando a concepção de linguagem defendida por Bakhtin e o Círculo, compreendemos que os enunciados não acontecem isoladamente, pois não são indiferentes entre si e nem se bastam entre si.

**4. CONSIDERAÇÕES DE UM INACABAMENTO**

Ao analisarmos o texto produzido por um aluno de 1º ano de ensino médio, em 2018, tentamos mostrar as muitas formas de manifestação do dialogismo no enunciado para construção de sentido. Para nós, as várias formas demonstradas nessa análise são algumas das possibilidades de se perceber que é possível um trabalho que descaracterize essa visão técnica, engessada da produção textual e construa uma produção escrita significativa e prazerosa, sobretudo, com gênero carta do leitor.

Em linhas gerais, podemos dizer que os enunciados que entrelaçam a produção da aluna são tecidos por muitos fios, e por vozes que ecoam de muitos lugares e que não se encerram. A presença do dialogismo no texto aparece de diferentes maneiras, com a participação explícita de outrem e, por vezes, de maneira não tão explícita, mas sempre em resposta a outros enunciados.

Esperamos que, neste exercício de análise, tenhamos conseguido ilustrar o leque de opções que o estudo sobre o dialogismo possa oferecer aos professores, principalmente, aos de Língua portuguesa, para uma prática mais dialógica da linguagem.

**5. REFERÊNCIAS**

AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. Tradução de Leci Borges Barbisan. **Letras de Hoje**, v. vol. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**: introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BESSA, J. C. Formas de presença da palavra alheia em artigos científicos de jovens pesquisadores. In. **Revista Trama;** Volume 13 – Número 28 – 2017, p. 143 – 178

\_\_\_\_\_\_\_. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.

FARACO, A. C. Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo:ParábolaEditora,2009

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, P**. Pedagogia da Autonomia**. SP: Paz e Terra, 1998.

GARCEZ, L. H. do C. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2015. 208p.

NASCIMENTO, BESSA & BERNARDINO. Formas de introdução de discurso citado no gênero relatório de estágio supervisionado. In: **Anais-**IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada – ALAB, v.1, n. 1, 2012.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia dalinguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.